

A poética impermanente das margens

Daniel Mira¹

Na cultura chinesa, cujo pensamento me parece sistêmico, temos uma visão que integra os fatores bióticos e abióticos num fluxo de mutações contínuas. Em geral, aquilo que concebemos como fenômeno, esta cultura entende como aspecto simbólico de acesso a “realidade”. Assim, a dinâmica de compreensão e a relação com os fenômenos naturais, acaba implicando e abrangendo outras esferas do conhecimento. Neste contexto, buscarei apontar algumas intersecções, acerca dos conceitos e símbolos das culturas tradicionais orientais chinesa e japonesa com os apontamentos geo-poéticos discutidos no decorrer do semestre.

Na trajetória, pelo qual percorremos o semestre, a visão geográfica, geo-política e geo-poética, impulsionaram reflexões sobre o espaço, sua ocupação e a relação com os elementos fundamentais de terra, água, ar e fogo. Em particular, a terra e a água, por seu fluxo integrado e por se tratar de um tema que tenho desenvolvido no contexto da Amazonia. Nesta perspectiva, a visão concreta e simbólica se misturam num âmbito da análise fenomenológica e poética. E, por assim dizer, a natureza de cada elemento também possui um aprofundamento, que por si só, já estabelece um vínculo profundo com este autor.

O Lago

Como uma montanha invertida de vazio, o lago é um delimitador e ao mesmo tempo preenchedor. Sua natureza ambígua, reflete suas propriedades, na territorialidade poética, surgindo como perpetuador de margens impermanentes. Sua condição particular de espaço contido,

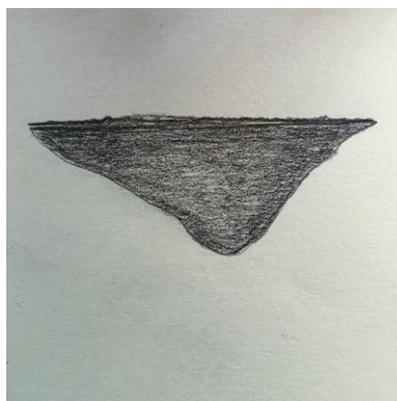
¹ Daniel Mira é artista e pesquisador, formado pela Universidade de Brasília, especializado em Poéticas Visuais, mestre em Design e Doutorando em artes também pela Universidade de Brasília. Pesquisa de forma teórica e prática, como a visão de unidade na natureza expressa no conceito “Naturgemälde” proposto por Alexander Van Humboldt e a metodologia fenomenológica natural de Goethe podem contribuir para um possível desenvolvimento da visão biofílica do artista-pesquisador. Está na frente do Instituto NOUS, fomentando ações nas áreas de Humanidades, Natureza e Cultura. É sócio fundador do NOUS Comunicação Consciente, uma consultoria de comunicação que atua na essência das instituições e marcas, desenvolvendo métodos e modelos de conscientização para os valores e posicionamento das marcas. Leciona como professor universitário a mais de dez anos. Coordenador do núcleo de extensão Humanizate e da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil na região centro oeste.

delimita as fronteiras como linhas de contorno a serem preenchidas. Neste aspecto o lago conteria em suas bordas as linhas fronteiriças. Porém, pela sua natureza sazonal suas margens são efêmeras. O lago, como tudo que evapora, se perde no ar. O vento e fogo são seus algozes.

Em sua profundidade, o lago esconde o que tem contido em sua profundidade, perpetua vida em “ocultamente aos nossos olhos. Para o Iching, livro oracular chinês, o lago reflete o céu e é o símbolo da Alegria.

A alegria é um estado de ânimo contagiante e, por isso, promove o sucesso. Mas ela deve ter como base a constância, para que não degenere numa euforia descontrolada. A verdade e a força devem residir no coração, enquanto a suavidade deve se manifestar no relacionamento social. Desta forma adota-se a atitude correta em relação a Deus e aos homens, podendo-se chegar a realizar algo. Em certas circunstâncias, a intimidação sem a gentileza pode ter algum resultado, durante um tempo limitado, mas não para sempre. Quando, por outro lado, se conquista o coração dos homens através da amabilidade, estes são levados a aceitar toda sorte de dificuldades de boa vontade e, se necessário, enfrentarão até mesmo a morte sem recuar, tão grande é o poder da alegria sobre os homens.²

Curiosamente, pela simbologia chinesa, a alegria tem sua oscilação e deve ser guardada pela constante nutrição. O que é, de certa forma, estabelecido neste caso, como foco. Assim como o lago, a constante é a impermanência, e esta natureza é muito bem assimilada por esta tradição. O que encontro como inspiração, pois a sazonalidade, invade e revela as linhas delimitadoras. E nos aspectos geopolíticos, o fluxo “natural” da vida delimita o nosso lugar, seja ele se físico, político, social ou cultural.



Exemplos dos aspectos apontados em fotografia e desenho

² Iching, Richard Wilhelm pag. 137

No sentido de montanha metafísica e invertida, o lago é invadido e formado pelas águas, permeia o subconsciente. Algo como um obscuro espaço, previsível mas invisível aos olhos. Como geografia, surge de vales, represas, ou erupções de água. Numa superfície assentada, que a água permeia lentamente. Para poesia é a possibilidade do mistério, da superfície contida em que surge o oculto. No lago é onde com mais segurança navegamos. Lugar sucinto de margens geralmente próximas e de uma profundidade tangível a alma humana.

As ilhas

As ilhas poderiam ser lagos invertidos feitos de terra, são como eles, circunscritas e com mais rigidez são desenhadas pelo vento. Em sua geografia, são quase sempre isoladas pelas águas em lagos, rios ou no mar. Mas podem pertencer a desertos, as cidades as vezes são ilhas, quando nos erguemos, em membranas isoladas. Surgem do conflito entre o que eu determino estar dentro e o que eu determino estar fora. Nas idades médias da humanidade, as ilhas parecem surgir como nas erupções marítimas.



Visão de Jerusalem (Conrad Grünenberg, 1487)³

³ https://en.wikipedia.org/wiki/History_of_Jerusalem_during_the_Middle_Ages

Contribuindo, para este ponto de vista, Gilles Deleuze aponta:

Os geógrafos dizem que há dois tipos de ilhas. Eis uma informação preciosa para a imaginação, porque ela aí encontra uma confirmação daquilo que, por outro lado, já sabia. Não é o único caso em que a ciência torna a mitologia mais material e em que a mitologia torna a ciência mais animada. As ilhas continentais são ilhas acidentais, ilhas derivadas: estão separadas de um continente, nasceram de uma desarticulação, de uma erosão, de uma fratura, sobrevivem pela absorção daquilo que as retinha. As ilhas oceânicas são ilhas originárias, essenciais: ora são constituídas de corais, apresentando-nos um verdadeiro organismo, ora surgem de erupções submarinas, trazendo ao ar livre um movimento vindo de baixo; algumas emergem lentamente, outras também desaparecem e retornam sem que haja tempo para anexá-las.

As ilhas, podem ser desertas e povoadas de rupturas. Me instiga pensar, o que envolvem as ilhas terrestres? O que são as águas e qual nossos símbolos de inconsciência? Tangibilizar estas perguntas, incide em delimitar os aspectos "pessoais" de entendimento. Eis que surge a dúvida do outro e dos fragmentos acidentais, podem não o ser. Delimitar espaço, é conter o que é meu e o que é do outro. Algo como que aponta Francis Alys, onde a delimitação é de reconexão e "ponte".



Don't Cross the Bridge Before You Get to the River⁴

É estranho pensar, que delimitamos nossas relações estabelecendo fronteiras, que assim como as ilhas, são envoltas do inconsciente. Por séculos vivemos tentando conter delimitações fronteiriças, para manter-

⁴ http://www.appartement22.com/spip.php?article208&id_document=544#documents_portfolio

mos seguros nossas próprias crenças. E mais curioso ainda, é pensar os saltos civilizatórios que envolvem as fusões culturais. A miscigenação é no fundo um fator de sobrevivência e de descobrimento humanos. As ilhas entrópicas, geográficas ou não, sempre se tornam desérticas. É preciso ventilar o novo, o migratório, ou seja o desconhecido é necessário para não nos "desertificarmos". Como Carl Gustav Jung aponta, a restrição da consciência e sua necessidade de concentração e eliminação do que está em volta é um fator de risco ao desenvolvimento do indivíduo.

A consciência em si pela própria essência não só exige, mas é uma delimitação rigorosa a um círculo diminuto e portanto bem definido de conteúdos. Exclui-se, portanto, constantemente, um grande campo de representações possíveis, ficando a consciência sempre limitada a um estreitíssimo círculo.⁵

A humanidade, como pode ela se restringir a relações limitantes?

A dissociação em unidades isoladas, seu caráter unilateral e fragmentário se radicam na própria essência da consciência. A reação proveniente da disposição tem sempre o caráter de totalidade, pois reflete uma natureza que não foi dividida por uma consciência discriminativa. Daí o seu efeito avassalador!⁶

As margens e o rio

Sejam elas limites, fronteiras, membranas ou delimitações, elas seguem impermanentes. Uma espécie de fluxo contínuo de transformações. Consideraria, as margens, o limite entre o ser e a experiência do fenômeno. Uma fronteira possível de continua contaminação. As margens para a humanidade, são as peles do corpo, da cultura e da natureza. Para geo-poética, as margens podem ser as linhas de encontro dos fenômenos bióticos e abióticos com a humanidade. São onde ocorrem continuamente as trocas, os fluxos e por vezes o rio. Foi das margens que pude ver o rio, o ponto, a linha e o plano. A natureza, neste aspecto, transcorre da metafísica, do início da fonte, a nascente. Pela peso, a força, a gravidade do centro do planeta a linha percorre, fluindo e o rompendo o espaço.

Neste contexto, em que a busca por romper o circundante e limitante da consciência insular usei o rompante do rio. Tendo na proposta de trabalho o projeto deslocamentos fluviais. Cujas questões, envolve a transposição do percurso da linha fluvial das margens do Rio Tapajós na região de Alter do Chão e ao seu novo

⁵ Jung, Carl Gustav. Psicologia e religião oriental. Editora Vozes. Kindle Edition.

⁶ Jung, Carl Gustav. Psicologia e religião oriental. Editora Vozes. Kindle Edition.

percurso na cidade de Brasília, na região dos ministérios. Integrado ao projeto Amazonia blueprint, deslocamentos fluviais se adiciona a construção do percorrer do ponto continuo, das margens fluidas e irregulares de Alter do Chão aos agrupamentos fixos e geométricos do espaço em Brasília. Descrito como deslocamento o projeto percorre, a condição do espaço metafísico. Do imaginário “fantástico” e provocativo de caminhar fluvialmente as ruas de Brasília. Tendo como ponto central a condição geo-poética do espaço, que no caso se transforma na pagina de ocupação da linha. Como referido anteriormente, as inserções metafísicas e simbólicas apontadas pela visão oriental, aponta aqui uma condição de deslocamento “irracional” do imaginário. Algo como um Koan⁷ visual, o projeto busca uma ruptura com pensamento racionalista.



mapa referencial do deslocamento fluvial⁸

⁷ <https://olharbudista.com/2017/02/09/67-koans-zen/>

⁸ Realizado no dia 07/12/2019, pela turma de métodos e processos em arte contemporânea

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles. A ilha deserta e outros textos. SP: Iluminarias, 2004.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e religião oriental. RJ: Vozes, 1983.

WILHELM, Richard. I Ching: o livro das mutações. SP: Pensamento, 2006

